



O abraço de despedida: partida do soldado português para defender a pátria, enfiando sua mãe no peito, com um sorriso, misto de ternura, de coragem e da consciência do dever.—(Ulrich Benoit).

Segunda série—N.º 456

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 16 de Novembro de 1914

Dirêtor: J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, L. DA
Editor: José Joubert Chaves

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
O SEculo

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESpanHA:

Trimestre...	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840 "	10 centavos
Ano.....	4880 "	

Agencia da ILUSTRACAO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Major (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina contigua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL

Ações	360.000\$ 000
Obrigações	323.916\$ 000
Fundos de reserva e de amortisação	266.400\$ 000
Réis	350.310\$ 000

Sede em Lisboa. Proprietarias

das fabricas do Prado, Marianaia e



Alfaiate de senhoras

Martins de Carvalho

C. DO SACRAMENTO, 7, S/LOJA
(Ao Chiado)

(Aceita fazendas)

Sabonete preparado
com os saes das Aguas

de **Mizella**

o melhor para a pelle

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-06 ASCENSOR

PARA ENCADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1914 da "Ilustração portuguesa". Desenho novo de ultimo effeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remediada em vale do co relic ou selos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SEculo"

Rua do Seculo, 43—LISBOA

M OZAICOS — AZULEJOS —
CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO

GOARMON & C.¹

Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 2
TELEPHONE 1244 — LISBOA

PLANTAS
AS NOSSAS ARVORES
E
COLHEREIS OS MELHORES FRUTOS

MOREIRA DA SILVA & FILHOS

HORTICULTORES
5-RUA DO TRIUNFO-5
PORTO
CATALOGOS GRATIS

Pele satinoza, macia,aveludada,
reunindo tambem desinfeção ri-
gorosa, o que tudo junto, repre-
sente SAUDE!

UZAE
O
Sabonete

DR. CAMARA PESTANA

ALCATRÃO COMPOSTO

QUEREIS POSSUIR?
NETTO, NATIVIDADE & C.¹ — 19, Rua Jardim do Regedor, 21-A

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 456

16-11-1914

Dr. Krupp

Em homenagem aos celebres morteiros de 42 a Universidade de Bonn conferiu a Krupp o grau de doutor.

Ninguém conquistou ainda, com certeza, uma consagração científica mais ruidosa — com mais largo dispêndio de som e menor dispêndio de palavras. Póde bem dizer-se que, nas suas provas de doutoramento em Liège, Namur e Anvers, a argumentação de Krupp foi de grande alcance e de considerável pezo — d'um pezo mesmo decisivo, conforme atestam

documentos incontrolados.

A Humanidade tem (e é isto que importa) mais um doutor — e doutor na arte complexa de matar. E' talvez o

primeiro d'esta Faculdade nova — ou, pelo menos, o primeiro oficial e catêdraticamente investido n'este titulo, brilhante e homicida.

E os mesmos sabios alemães que concederam Krupp recusam a sua solidariedade intelectual á velhice gloriosa de Metchnickof. Está certo.



A valsa alemã

Está condenada á morte. Está agonizante. Exala, a estas horas, os derradeiros e languidos suspiros nos salões de New-York, nas ultimas operetas de Franz Lehar e nos braços comovidos e fatigados dos ultimos pianos da nossa Baixa.

A Acaademia Coreografica de Paris acaba de pronunciar a singular sentença, banindo as danças alemãs e austriacas, que, n'este momento, no mundo latino, devem estar cingindo, na volúpia dos seus compassos lentos, os ultimos pares amorosos. Teremos agora a America e a China. Teremos o «Ta-Tao», a «Russa», o «Lotus d'Ouro» — e a valsa moderna, se quizer ainda dar um ou outro discreto rodopio, terá de mudar de nacionalidade, naturalisar-se americana e usar talvez botas de duas solas, para ninguem a conhecer.



A dança é uma das mais belas e rythmicas expressões do prazer e da sensualidade de viver — emoções que não são propriamente as da Humanidade n'este momento. Bloqueiar a valsa parece-me, talvez, desnecessario — mesmo porque a valsa é uma dança de amor e a Alemanha já não póde valsar. A Germania só póde sentir a dança do odio — e o que ela n'este momento baila é a dança do Urso.

Grèves

Em Osuña declarou-se ha dias uma grêve em que tomaram parte as creadas de servir.

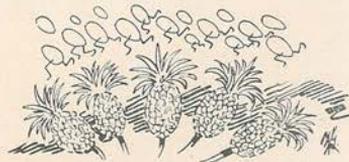
Até hoje, as «grêves» geraes, que me conste, ainda não tinham atingido as caçarolas. Agora, a grêve passa a entrar-nos em casa — e pela cosinha. Depois de estar de portas a dentro, quem sabe até que intimidades ela póde ir! As sufragistas inglezas têm atualmente mais em que pensar — senão elas o diriam.



O paradoxo dos ovos

Lisboa nunca teve tantos ovos — e, no entanto, nunca houve menos ovos em Lisboa. Ha tambem quem sustente o contrario. E esta pesquisa para se saber se Lisboa tem ou não ovo, está preocupando e com razão as estações officias e o publico.

Emquanto os ovos sobem de preço e fogem



das prateleiras das mercearias e dos mercados, os ananazes inundam Lisboa. Metchnickof demonstrou ultimamente que o ananaz tem propriedades essencialmente revigorantes e rejuvenescedoras. E' uma compensação — mas dada a impossibilidade de se fazerem «omelettes» d'ananaz, essa compensação não é, ainda assim, completa. Pódem fazer-se, e talvez com vantagem, ananazes «estrelados» — á falta de ovos quentes.

AUGUSTO DE CASTRO

(11 ustrações de Manuel Gustavo).

O PRAZER DA VINGANÇA

— Ah, ele é isso! — e o Manuel da Engracia, que de ha muito esquadrinhava pretexto para se libertar do rival, resolveu aproveitar esse pretexto. Troçara-o de manhã. Sim, o Antonio do Adro, com os seus ares de valentão de feira, com o seu arcaboço d'Hercules moço, chamára-lhe «corcunda», rira ás gargalhadas, deante de visinhos, na presença de Gracinda — o pomo vivo e fresco das suas desavenças — de defeitos de que não tinha culpa. Mas... e ao carregar a «escopeta», *reliuna* ferrugenta de um cano mais compleido do que vára de varejar, sorria, bambaleava a cabeça, antegozava as delicias da desforra.

Tinha dado o meio dia — e entretido na lugubre tarefa preparatoria da vingança, nem sequer tirou o chapéu ás nove badaladas do sino da Misericordia.

Preparada a «escopeta», arrumou-a atraz da arca de pinho e saiu a informar-se melhor do paradeiro do Antonio. Hum, sempre estava no vale de Carvalho, *n'aquilo* do tio Domingos Agro. Belo, nem de encomenda! Seria no regresso, ao lusco fusco, ali pelas *presas* do ribeiro das Vergadas, que levava agua de sobra para o arrastar, já pronto, até aos torvelinhos do Douro.

Fosse-se depois lá saber quem lhe crestára a pele... Desaparecera, lambera-o a *cheia* do ribeiro — e ninguem mais se importaria com o «mostrengo», que nem tinha onde cair morto». E, ainda que assim não fosse, mesmo que se soubesse — preferia a Penitenciaria, preferia a Africa áquela tortura infernal, ao vexame que o roía por dentro e lhe tirava o sono.

Ao atravessar a Praça encontrou-se com a Gracinda — mocetona sadia como um pampão de vinha nova, as rosas da face a abrirem n'um sanguineo discreto, a boca viçoza a regorgitar de riso travesso, o lenço ao pescoço, as pontas do lenço cahidas sobre a curva audaciosa do seio. Não conteve o coração, que pulsou agitado, como sempre, deante d'esse fruto apetecido que tão desapiadadamente se furtava ás supplicas mais apaixonadas e ás promessas mais sedutoras. Não o queria a ele, que tinha terras e palheiros e quatro moínhos d'azeite nos anos mais escassos — mas esperasse pelo outro, o «pobretaina» do Antonio, que já agora seria a sua perdição...

Parou para a cumprimentar.

— Adeus, Gracinda... Onde vaes?

— Vou onde não te importe... Não é da tua confiança...

Manuel, baixo, sêco como um galho de vi-

nha morta, a corcunda em mochila, as pernas cambadas, os tamancos nos pés — aos hombros um capote grosso de saragoça — mascou o despeito da resposta desabrida, e seguindo a seu lado, retorquiu:

— Pois olha... eu vou falar ao Antonio do Adro... Tu sabes onde ele está?

— Sei lá do Antonio... E que é que tu lhe queres?

— Onde ele está... não ha de estar longe... O que lhe quero... é cá comigo e com ele... Não o viste hoje de manhã? — e cortou a pergunta d'um sorriso de hostilidade e de sarcasmo.

Gracinda fitou-o, magoada pelo tom da sua voz, surpreendida pela intenção do seu sorriso. Porque, além de tudo, o coração advinha — e o da Gracinda sentiu-se subitamente apertado, mais dorido do que se uma cobra lhe entrasse na arca farta do peito, em que ele estremecia pelo Antonio, e o envolvesse, e o estrangulasse entre anéis de ferro frio.

— O que querias dizer, rapariga? — inquiriu, diante da sua mudez perplexa e do seu olhar inquieto? — Bem, não querias dizer nada... Então adeus, e não te esqueças cá da gente a quando fôr do *cazorio*...

Ela viu-o distanciar-se e teve a intuição nitida d'uma desgraça. Foi como se lhe tivesse morrido alguém de repente, muito querido — muito perto dos seus braços, e a quem os seus braços não podessem se-

quer amparar. O que seria, o que iria acontecer? O Antonio andava lá em baixo, nos fundos barrancos do Vale de Carvalho, perto do leito revoltado do Douro, que n'essa época, cheio d'agua, rugia, cheio de furor. Se o Manuel o procurava, o caso era a serio — Manuel soubera talvez do que se passára n'essa manhã: e com o seu velho odio espicaçado, esse odio que ele proprio lhe confessára, os olhos pequeninos de fuinha a reluzirem e a fuzilarem, seria capaz de se vingar. Se prevenisse o tio Frederico regedôr? Não, que o Antonio levaria a mal, por o julgarem com medo — e medo do corcunda, d'um réles alejado. E a certeza de que um grande perigo o ameaçava, que era como um negro abismo em que a sua alma cahia e para sempre se afundava, definia-se, amargurava-a. Ah, mas o Antonio era na verdade um valentão — e evocava-o na sua estatura herculea, e tranquilizava-se recordando o seu corpo direito, engrigecido no trabalho, o seu riso franco, trasbordante de confiança, os seus braços musculosos, adestrados na luta. Ao



primeiro encontro com o magrizona deitava-lhe as unhas e... era d'uma vez um circuncida. Nem a alma se lhe aproveitava...

—Hum... mas o Manuel,—cogitava para consigo, entrando em casa—se se atrevia a procura-lo... não iria com as mãos a abanar... Não deixaria de levar uma arma, a foice roçadeira, a «caçadeira» com que costumava ir á «espera» das perdzizes...

A esta idéa, que de repente ganhou firmeza no seu instinto sobresaltado, decidiu prevenir o Antonio. Era o mais seguro. Fez as voltas da casa, á pressa; disse á mãe que ia ás hortas colher «um caldo» e lavar uma roupa; e mais ligeira do que folha fugindo ao vento, folha da vida fugindo á desgraça, meteu ao caminho do Ermo, para d'ali descer, junto do ribeiro das Vergadas, á do tio Domingos Agro. Na sua fuga, na sua inquietação, nem correspondia ás pessoas com quem cruzava e que a «salvavam»:

—Adeus, Gra-cinda... Deus te encaminhe...

Em frente do Ermo, em frente das capelinhas claras de cal que sobem por escadaria até ao alto cerro—revestido de sobreiros, indicando os passos dolorosos de Jesus-condenado, reconstituindo as cenas evangelicas de Jesus-crucificado, parou um momento. Exitou. Um clarão de esperança iluminou-lhe a alma aflita. Decidiu-se. Sim, iria lá acima, á capela de S. Salvador do mundo, implorar a misericórdia de Jesus-morto, vivo na sua crença, para

aquele que não fizera mal e que era o seu bem. Trepou os degraus humildes, de patamar em patamar, flanqueados de capelas igualmente humildes. Em baixo, á direita, a ribeira bramia, espumeggiando, rolando entre ravinas agrestes, precipitando-se em cascatas sucessivas. Sob a claridade doce da tarde que esmorecia, d'uma brandura elegiaca, em que ligeiramente errava o tom violeta do crepusculo, o Douro, lá ao fundo, á esquerda, contornando o anfiteatro-solene de vinhedos e oliveas, espreguiçava, contorcia, alastrava por entre as vertentes da montanha a mancha cõr de café com leite das suas aguas barrentas. E o mórro do Ermo empolava-se, vindo dos profundos abismos, na sua fõrma estranha de blõco colossal—imenso pesadõlo, altiva mole de granito e urze, onde a onde adoçada pelo tufo verde escuro das oliveiras e dos sobreiros,

aqui e além suavizada pela graça sorridente das capelinhas que recordam Jesus, o amigo dos pequeninos.

Gracinda, correndo sempre, trepou ao patamar desafogado da capela principal—aquela em que Jesus, já no Calvario, tem morrido para salvar o mundo. Ajoelhou—e de joelhos, rezou, suplicou, recomendou a vida do seu Antonio, os olhos febris, as mãos erguidas, a voz sufocada.

Ao retomar o caminho, ao descer o carreiro estreito á beira da torrente das Vergadas, que parecia querer tomar o vale d'um salto, levava dentro de si, a resoar, a harmonia afaivel da confiança. S. Salvador do Mundo, na hora do perigo, tiraria os braços da cruz, e entre a cruz dos seus braços protegê-lo-hia melhor do que entre muros d'uma muralha.

Estranhou não o encontrar na do tio Domingos. Olhou em redor, mergulhada na luz esmorecida—olhou os zig-zags do carreiro

que seguia um pouco ao sul do que tomara, que contornava vinhas de socalco, que se encontrava com aquele mesmo lá ao alto, em frente do macis—so perpendicular do Ermo.

Não viu ninguém. Viera tarde, fõra o que fõra—mas ele nunca costumava sair d'ali senão depois das Trindades. Ah, era verdade! Talvez estivesse na das *Lampaças*, onde ia muitas vezes. N'esse caso...

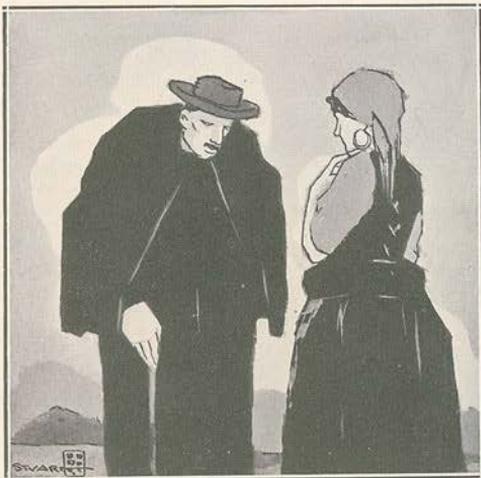
E empoleirou-se n'uma pedra e cravou a vista na vinha das *Lampaças*,

mais á esquerda e na mesma vertente, também em socalcos, também cortada pelo regato que, como o das Vergadas, se precipitava furiosamente para o vale. Depois levou a mão em concha á bõca, e gritou, distendendo a voz:

—O' Ant... tõi... õ... nio...

A voz desdobrou-se, repercutiu pelas quebradas, á esquerda, á direita, em ecos perceptíveis primeiro, diluindo-se, confundindo-se mais longe com o rumor do rio e dos ribeiros.

Tinha-se ido embora... E n'esse dia muito mais cedo do que nos mais dias, pois nunca largava a enxada enquanto lobrigasse terra que ela comesse... Naturalmente... não havia que duvidar... S. Salvador do Mundo fizera-lhe o milagre, desviara-o do caminho em que o outro com certeza o esperava, como quem espera lobo ou coisa ruim, sendo ele, o seu Antonio, o melhor dos homens... Que esperasse, o malvado! Quem lhe ia ao



caminho era ela, e ela é que lh'as havia de cantar!...

Meteu de novo ás Vergadas — e lembrou-se então, mais tranquila, d'uma «historia» a contar á mãe, que devia ter estranhado a sua ausencia e a sua demora, que devia ter ido procurá-la á horta e aos lavadórios. Dir-lhe-hia... não senhora, não diria nada... S. Salvador, que acabava de lhe fazer o milagre, não havia de ficar contente, se mentisse. Diria a verdade, era o que era. E a mãe, embora não bebesse os ventos pelo Antonio — uma embirração antiga, como qualquer outra... — não lhe levaria a mal que se mexesse para salvar um homem...

Gracinda subia, agora pensando no que havia de «prégar áquele estafermo de corcunda», se o apanhasse. A noite adensava-se, afogava o vale e as vinhas em incerteza, imprimia ao Ermo, e ao hirto aprumo dos seus declives, o espesso misterio das visões legendarias. E os ralos, e os sapos, e os mochos, apaixonados da treva, cantavam em redor, desenhavam os lentos *pizzicatos* de sintonia estranha, em que havia notas que lembravam o *pingue-pingue* de duas gotas quasi simultaneas n'um tanque cheio de agua, acompanhada pelo largo rumor das cachoeiras.

O Manuel, ainda dia claro, a gaiola com o perdigão, a caçadeira sob o capote, como se fôsse á «espera das perdizes», seguiu para os lados da Aveleira. Ia dar uma grande volta, por vinhas e oliveas afastados do Ermo, de fórma a atenuar futuras suspeitas. Perto das Vergadas, trepando os socalcos sécos de Cidrô, viu um rebanho que chocalhava em direção á vila. Escondeu-se n'um giestal, no receio de ser descoberto pelo pastor. O Ermo, quasi sem luz, parecia ericado de monstros, que dormiam enroscados sob as folhagens. Ao entrar no correjo de Vale de Carvalho sentou-se, a tomar folego. Viera ás horas. O diabo do Antonio, se não se tinha adiantado, contra o costume, não devia tardar nenhum ano...

Escondeu o perdigão atraz d'uns penhascos. Escolheu ponto seguro para a emboscada. Ah, que se ainda não tivesse passado, ele havia de saber quem era o Manuel da Engracia! E que se fôsse rir depois para o Adro, que fôsse escarnecer os seus defeitos, que fôsse achincalhá-lo aos olhos da Gracinda — e quem sabia lá? talvez a Gracinda, não o vendo mais, não sentindo perto da curva fragil do peito o

bafo ardente da sua força, se decidisse a ser a alegria d'um lar em que não escasseava o pão, nem a horta, nem o amor. E a esta esperanza, que lhe clareou a tórva anciedade do olhar, estremeceu como nunca á necessidade de eliminar o outro...

Por entre a urze, quasi de rastos, foi espiar o caminho. Mal se descobria já o perfil arredondado da copa das oliveiras, era apenas um enigma, no seio enigmatico do crepusculo, a escultura dos penhascos. Dominando o vale, desde as Vergadas ás Lampaças, pareceu-lhe distinguir, movendo-se no lusco-fusco, um vulto de homem. Aproximou-se, sempre de rastos. Era ele, era o Antonio — que vinha das Lampaças, que por isso tornearia todo o colo do monte, até ganhar o carreiro do Ermo, mais facil de subir. Atalhando pelo meio da urze e do tojo sobejava-lhe tempo para chegar onde deixára a espingarda, reparar a escorva e esperar em socego.

De facto Manuel retrocedeu, o coração palpitante, o sangue latejando-lhe nas veias — e com uma impressão de aperto na garganta, que nem lhe deixassem uma corda para o estrangular. Pegou na espingarda atabalhoadamente. Respirou fundo — e foi esconder-se no abrigo que lhe oferecia uma moita de giestas sobranceira ao caminho.

— Mas que demora! — rangia, para comsigo, as palpebras semi-cerradas, na necessidade de aguçar a vista, de sondar a penumbra que escondera a propria espuma revolta do ribeiro. — E' capaz de ter subido direito a Cidrô, para não dar a volta, que é «grauda»...

Esperou ainda, já inquieto. De subito, ouviu rumor de passos — tamancos que batiam e chocalhavam em pedras miudas. Pôz a espingarda á cara, comprimindo a respiração. N'isto, na curva d'um zig-zag, move-se uma sombra. Faz a pontaria, e precipitadamente, puxa ao gatilho. Uma detonação estala, prolonga-se, repercute ao largo com o fragor longinquo de trovão.

Saindo do esconderijo arroja-se sobre o vulto que sentira tombar, que vai arrastar para a corrente. E é cheio de assombro, é trizado de horror que levanta nas mãos crispadas, todo tremulo, o corpo de Gracinda, a quem, a agonisar, e que, estrebuchando, se queda, inerte, entre os braços que desejaram ser-lhe berço e felicidade.

S. João da Pesqueira — 1914.

SOUSA COSTA.





O distinto professor de dança dos Açores, sr. Manuel Joaquim de Matos, que se encontra em Lisboa

Ena de Sousa. — Esta nova atriz do Ginasio, nova, inteligente e elegante, veiu do Rio de Janeiro, onde debutou, prece dita de grande fama. A sua interpretação da «Joana», no «Papá Lebonnard», foi um successo enorme a que todos os jornaes se referiram com merecidos louvores. Na «Bella



A atriz Ena de Sousa

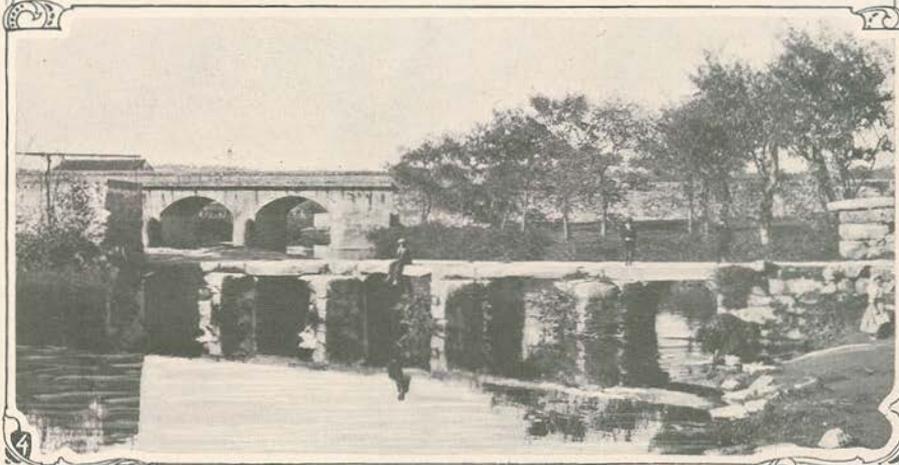
representou em Lisboa com um successo admiravel — fez o papel de ingentua, a «Baby», dando inexcusable frescura e graça a essa personagem de difficil composição. Afetuosamente saudamos a nossa patricia, a quem o publico de Lisboa não regateará, decerto, os aplausos que o Brazil lhe dispensou e que o seu talento merece e em absoluto justifica.



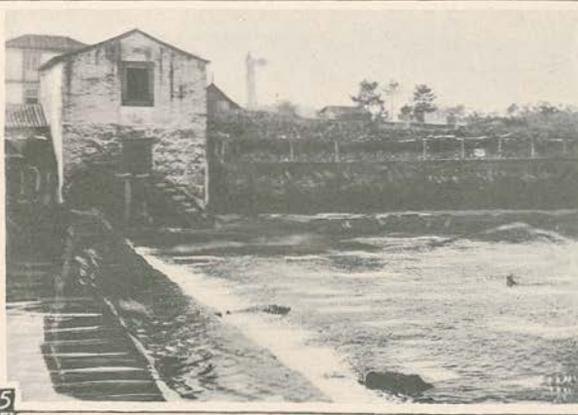
O sr. Castelo Branco, habilitadissimo, que foi nomeado professor de indumentaria do Conservatorio de Lisboa

escritor João do Rio — peça que o ano passado se

os aplausos que o Brazil lhe dispensou e que o seu talento merece e em absoluto justifica.



Ermezinde. — E' um dos logares mais agradaveis da cidade do Porto, de onde dista apenas meia hora, sendo escolhido por muitos habitantes da cidade para ali passarem o domingo, contemplando os belissimos panoramas e as irrande um ambiente saudavel. E' servido por duas linhas, uma electrica e outra ferro-via-



Um dos pontos mais pittorescos de Ermezinde: Uma levada do rio Leça em Ermezinde. — (Fotografias do distinto amator sr. Julio R. de Castro)

ria. Tem lindissimas edificações modernas e algumas antigas dignas de observação.

Tambem se admira n'aquelle pitoresco logar a egreja matriz e o antiquissimo convento da Formiga, distante 2 quilometros da estação, em frente do qual foi recentemente construido um collegio com todas as condições modernas.

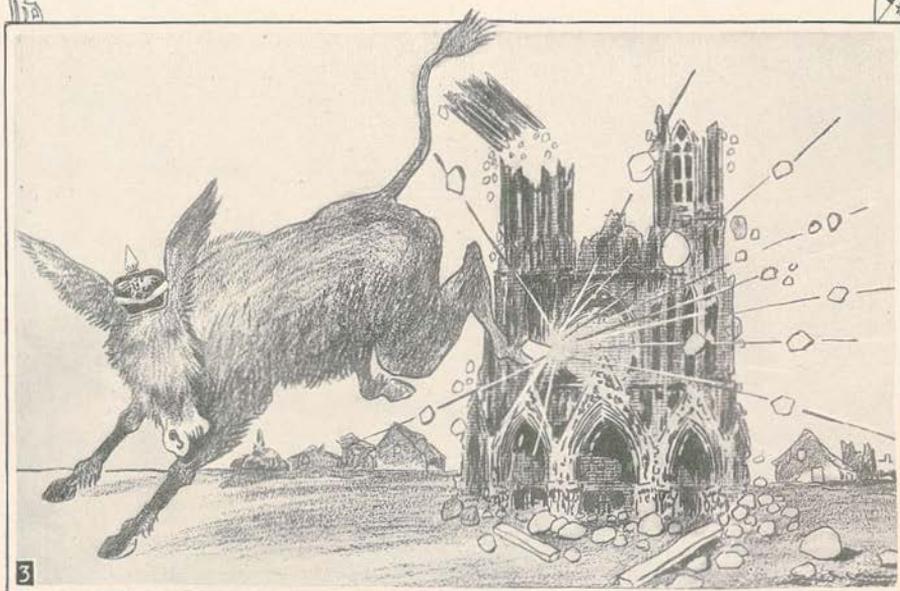
A guerra humorística



O triunfo da ciência e da civilização (Composição de Reynolds, reprodução do jornal «The Sketch»)



Napoleão? Não... Attila, sim. (Composição de E. Forbes, do jornal «The Sketch».)



A sua civilização!... (Leão da Câmara, do jornal «Le Barbare».)



Mapa da Turquia e das nações limitrofes, para se poderem seguir as operações militares

PELA PATRIA!



Eu abomino a guerra, esse fantasma hediondo
Que os povos avassala e cidades destrói!...
Com tiros de canhão de pavoroso estrondo,
Que traspassam o peito a um bravo, a um heroe,
Ela semeia, infame, o luto, a dor:—O Mal!...
Que seja pois maldita essa fera tremenda,
—Herculea, estupenda,
E p'ra sempre bemdita a Paz Universal!...

Mas, ai de mim! eu bem sei, ideal chãmera,
E's tu apenas, sim!... sublime, altiva e austera!...
Emquanto houver no mundo a velha Humanidade,
Cheia de interesse vil, a Paz e a Liberdade
Serão um sonho só!... sublime, transcendente,
Mas mentiroso e vãol!...

—E's sagrada utopia, oh! Paz, infelizmente!...
Tem de se defender toda e qualquer nação
E, pequenina embora, armada até aos dentes,
Pôde encarar altiva os povos mais potentes!...

Ouve, pois, Portugal, a minha voz escuta!
Vaes, por dever, entrar na luta injente e bruta
Que se trava tremenda entre nações gigantes,
E preciso mostrar teu valor como d'antest!...
Confia no soldado heroico portuguez,
Um dos melhores do mundo, o mais bravo talvez!
Sabe ete bem manter esse velho prestijio,
Que tu ganhar soubeste em atos de prodijio!...
E vós, minhas irmãs, Mulheres da minha terra,
A quem infunde horror tão desumana guerra
Mostrae-vos corajosas,
Sensatas, valorosas!...

E, ao vêr partir um filho, um irmão, um marido,
—O ente mais amado, o noivo mais querido,
Não choreis, mulheres, não!
Abraçae, apertae de encontro ao coração
O valente soldado, e dizei-lhe a sorrir:
—Coragem, meu Amórr!

Tem fé, tu has-de vir!
Não fraquejes jámais!... não te domine a dor!
E a Patria que chama, é a voz do Dever!
Ide todos,—vencei!... e, se um de vós morrer,
Vingae a sua morte, atacando o inimigo
E afrontando o perigo
Com mais valor ainda!

Por morrer um só bravo, a Patria não se finda!
Coragem sempre! adeus!
Em nossas graças
Pediremos a Deus
Nos traga os corações
Que hoje nos levaeis!...
Sois homens valorosos,
Valentes e brissos,
Adeus! Que dizer mais!...»

E mais não direis vós, pois muito tereis dito
N'um hino d'amór sacrosanto e bemdito!...

Soldados! honrae pois a vossa terra amada,
A Patria abençoada!

E preciso partir e longos batalhar!...
E vencer e voltar!

E crede: combatendo ao lado dos francezes,
Apenas defendeis, valentes portuguezes,
Na luta colossal,
A nossa Patria antiga—o nobre Portugal!

VIAGENS NO MINHO

A casa de Pindela

Toma-se o comboio ali na estação de S. Bento, por uma clara manhã de setembro, quando o sol, surgindo no horizonte, n'um triunfo, dissipa a nevoa adelgaçada que se alastra pelos outeiros e colinas, e o Douro, lá em baixo, arrasta, na cinza densa das vaporizações matutinas, a sua corrente lodacenta e impetuosa.

A viagem deve ser feita em setembro, quando os cachos louros e roxos se penduram, tentadores, das ramadas e arvores, e a faina das vindimas por toda a parte começa.

Depois, o «film» panoramico vae-se desenrolando, através das janelas estreitas da carruagem. Primeiro Campanhã, agitando-se n'um bulício incessante, depois

Pouco adiante cortamos á direita e enfiámos por um docel de arvoredo, n'uma alameda extensa, ao fundo da qual nos espreita, activa e solene, a velha residencia senhorial do visconde de Pindela, nosso antigo ministro em Berlim.

Fui-lhe apresentado pela primeira vez, ha tres anos, por um amigo comum, o distinto escritor sr. Abilio de Magalhães Brandão.

Não foi sem receio que subi as escadas d'aquella antiga casa acastelada, soberba construção do seculo XVI, que o seu actual proprietario completamente restaurou, nas suas austeras linhas primitivas, com um poder de reconstrução verdadeiramente admiravel, revelando a alta envergadura d'um artista e o saber profundo d'um investigador.

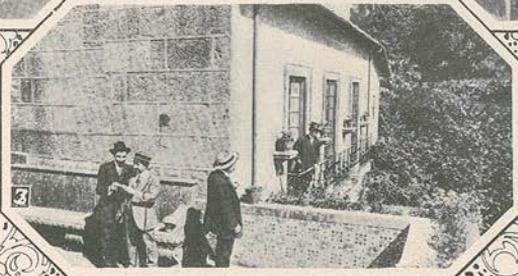
Era um pobre plebeu que se ia apresentar diante d'um autentico representante da nossa mais pura nobreza, e o vento são da democracia não havia ainda conseguido varrer-lhe do espirito essa teia de preconceitos que a estúpida educação burgueza da nossa sociedade procura manter intacta e invulneravel.

Final, a ilusão desfez-se rapidamente. E foi com a maior surpresa que me encontrei diante d'um homem afavel, atenciosissimo.

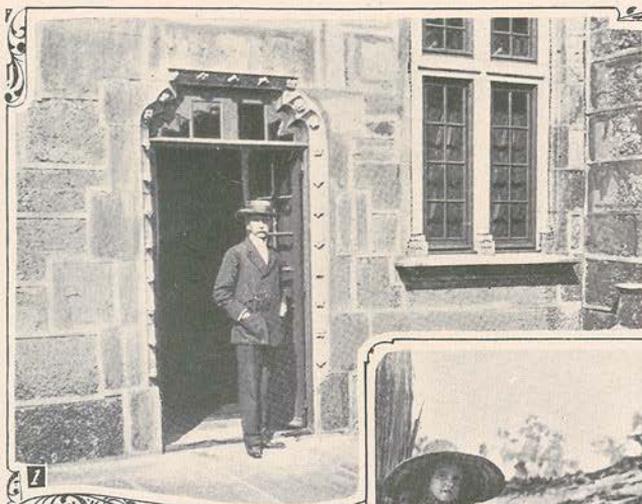


Rio Tinto, estação pacata e quasi silenciosa; a seguir Ermezinde, e a Trofa, e o rio Ave, e Famalicao, disfrutando-se a cada passo deliciosos trechos de paisagem.

O desembarque faz-se no tranquillo apeadeiro de Gavião, um encantador recanto idilico. Depois, uma fita da estrada, serpeante, conduz-nos ao longo d'uma encosta, sobre campos cultivados oferecendo-nos, á esquerda, um panorama estonteante.



1. Vista de uma torrela tirada do jardim.—2. A'pendre e frontispicio da casa do sr. Visconde de Pindela.—3. No terraço da torrela.



A porta do terraco

mo, estendendo-me as suas mãos aristocráticas e nobres com tal franqueza e desprendimento, que para logo me senti á vontade, como se me encontrasse em frente d'um amigo de quem a ausencia ha muito me tivesse separado, e cujo convivio encantador o acaso n'aquelle momento nos proporcionasse.

De estatura mais que regular, carnes escorreatas e firmes, rosto sobre o com-prido, revelando os traços das feições bem delineadas uma energia inquebrantavel, olhos vivos, reveladores d'uma intelligencia arguta, fronte vasta e desanu-veada, o visconde de Pindela é uma figura de veras insinuante e agradável, na sua attitude corretissima de fidalgo e de diplomata, dando, quando o conheci, a impressão d'um homem que foi no mundo alguém e que do mundo agora

vivia inteiramente alheado. Desde então, todos os anos tenho feito, com prazer e sensação sempre crescentes, a ro-naria de S. Tiago da Cruz, a ridente aldeia de Famicão onde tantas be-lezas naturaes se encerram e tambem tão belas e gloriosas recorda-ções historicas.

E de-to-das as ve-

zes o mesmo sorriso bon-doso e satisfeito me aco-lhe, o mesmo braço gene-roso me encaminha, atra-vez das salas e corredores da encantadora vivenda que tantas maravilhas esconde — objetos d'arte, quadros, desenhos antigos, helio-gravuras, armas de todos os tempos e de todos os feitos, centenas de coisas preciosas, emfim, tudo dis-posto com o carinho e a meticulosidade que os ho-



Sobrinhas do sr. visconde de Pindela

mens de espirito e de talento sabem pôr em todos os seus trabalhos. Da sala de visitas á biblioteca, atravez dos corredores e na sala d'armas, a vista

não se cança de vêr e de ad-mirar esse ver-dadeiro museu de magnificas raridades, que é a casa do sr. visconde de Pindela, po-dendo afirmar-se que ela consti-tue, a bem di-zer, uma admi-ravel reconsti-tuição de todo o seculo XVI, enriquecida com uma bela documentação de tudo que de melhor produ-ziram as epocas



Uma vista geral da casa

posteriores, na arte, na literatura, na ciência.

Depois veem os passeios ao longo dos jardins, da alameda, do bosque, ao longo do lago em que brancos cisnes se banham e através da quinta enorme que se estende por uma encosta arborizada e verdejante, descendo até o vale, em meio do qual se ergue a velha residência senhorial, bem talhada por certo para habitação d'um poeta e d'um artista, mas dentro de cujas paredes se deve sentir abafada a alma d'um diplomata.

E quando, uma vez, a minha sentimentalidade ingenua me arrancou uma exclamação admirativa, diante de todo aquele deslumbramento da natureza e da arte: «como se deve viver bem aqui!» uma sombra perpassou pela frente nobre do visconde e dos seus lábios, franzidos, desprendeuse esta frase pessimista:

— Isto é o meu tumulo!

Por algum tempo o seu olhar ficou incerto e perplexo, seguindo talvez a esteira d'um sonho longínquo, o pensamento sem duvida recuando ao passado e percorrendo o caminho da gloria que já havia trilhado, afastando-se até Berlim, a terra auda-



O sr. visconde de Pindela e alguns visitantes

certeza, as receções em palacio, os bailes de legação, os passeios, como o atestam fotografias que pude observar,



O sr. visconde de Pindela e os seus cães de caça



O lago dos cisnes

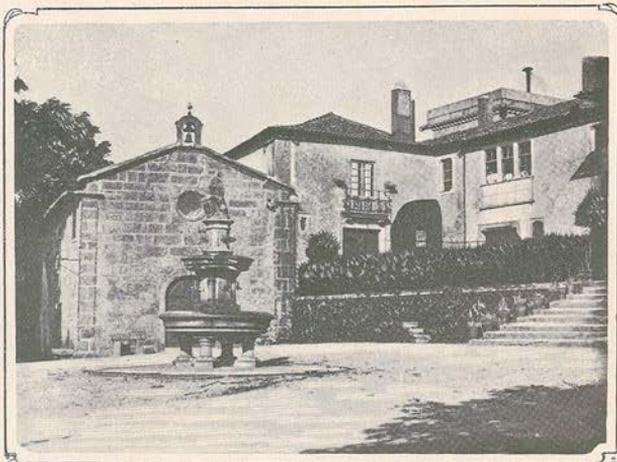
ciosa que hoje procura ser como a velha Roma, a capital do mundo, a «urbs» por excelencia, ditando leis a todos os povos e todos querendo submeter ao seu jugo despótico.

E recordou, com

ao lado de Guilherme II.

E enquanto o visconde se abstrahia n'esta visão dolorosa dos dias que não vol-

tam, eu re-
concentra-
va-me tam-
bem e lamen-
tava que ho-
mens como
este, de ta-
lento e de ini-
ciativa, e de tão
alta envergadura
moral, não
podessem
ou não
quizessem
continuar
prestando
ao seu paiz
os relevan-
tes servi-
ços de que
foram e
e ainda
são capa-
zes, que
ninguem



lhes devia
enguitar,
que todos
lhes de-
viampedir.
Quem um
dia fôr a
S. Tiago
da Cruz
não deixe
de admi-
rar a casa
de Pindel-
la, onde
tenho pas-
sado al-
guns dos
mais su-
aves mo-
mentos
da minha
vida.

Porto, 1
XI-914.

SOUZA
MARTINS

Capela e fonte monumental



Tajizo do visconde de Pindela em S. Tiago da Cruz, Famalicão.—(«Clichês» do sr. Alvaro Martins).

O aniversario da Republica Portuguesa no Rio de Janeiro



1. Na embarcada de Portugal no Rio de Janeiro.—1.ª recepção efectuada no dia 3 de outubro, dia do aniversario da Republica Portuguesa, compareceram, entre outras pessoas, os srs.:

1.ª fila da esquerda para a direita: Barão Hower de Melo, presidente do Instituto Geographico Brasileiro, Conde Mendes de Almeida, presidente da comissao de diplomacia do senado, Madame Barbosa Goncalves, esposa do ministro da visação, Edwin Morgan, embaixador norte-americano, ministro da Noruega e o general Joaquim Inacio Cardoso.—De pé, á direita do encarregado de



Negocios de Portugal, o dr. Lamenha Lins, presidente da comissao de diplomacia da camara, o consal geral e madame Alberto d'Oliveira, varios diplomatas e presidentes de sociedades portuguezas.

2. No Gremio Republicano Portuguez do Rio de Janeiro.

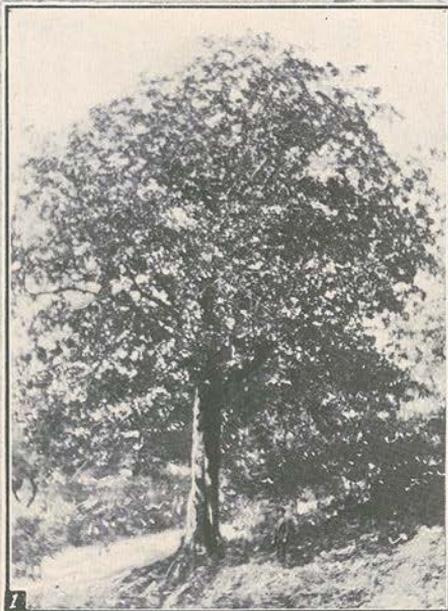
Este gremio tambem festejou com uma sessão solemne a data da proclamação da Republica. A fotografia representa a presidente sr. dr. Ferreira d'Almeida, encarregado dos

negocios de Portugal, tendo á direita o sr. Alberto de Oliveira, consal geral e o orador sr. dr. Pinto da Rocha, á esquerda o sr. Rufino Pires, presidente do gremio e o sr. dr. Celestino Barroso, outro orador.



Outro aspecto da recepção de 3 de outubro na embaixada de Portugal no Rio de Janeiro

FIGURAS E FACTOS



1. Uma magnífica magnóvia, que se encontra na antiga cerca do convento de franciscanos em Monchique. Tem cerca de cento e cinquenta anos e o seu tronco mede 3^m,76 de circunferencia. É um exemplar digno de admiração, cuja fotografia devemos á obsequiedade do sr. Antonio da Encarnação Condeca, estudante e fotografo amador residente em Lagoá



2. O sr. dr. Pereira de Mota, que caiu fulminado com uma congestão cerebral quando lia um accordo no Tribunal da Relação.



3. O sr. Henrique Viterbo, irmão do illustre escritor sr. Vicente Viterbo, falecido em Valongo.



Visita do inspector das Escolas Maveis aos Açores.—Por ocasião da visita do sr. João Bernardo Gomes aos Açores, alguns commerciantes de Angra fotografaram-se com ele em grupo, tendo á amabilidade de nos mandar uma fotografia de pé: Os srs. custodio de Paula Moreira de Sá, Manuel Pereira dos Santos, Jose Lourenço da Silva, Manuel Martins e Martinho Ribeiro Garcia; sentados: os srs. M. Draz Simões, José Bernardo Gomes, o inspector, e Manuel Batista Couto, que o acompanhou de Lisboa.

A Europa em guerra

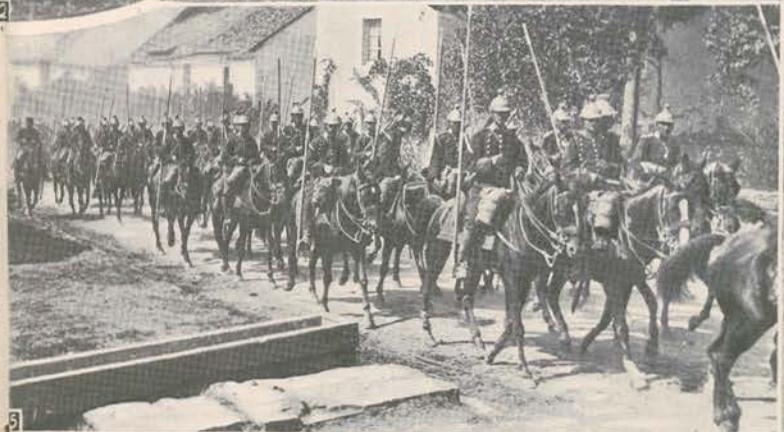
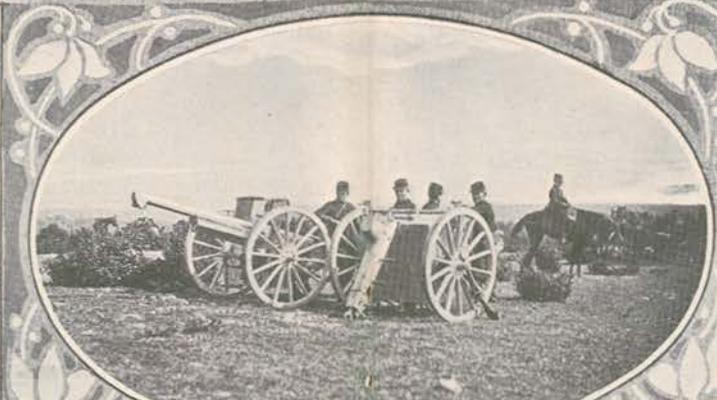


As tropas aliadas continuam a infligir grandes derrotas aos alemães, furando-lhes a linha de uns lados e fazendo-os recuar n'outros. Algumas vezes esses recuões, que eles d'antes faziam sob certa ordem, fazem-se hoje precipitada e desordenadamente, com o caracter de perfeitas fugas. Recuam tambem sucessivamente as suas obras de fortificação para se irem refugiando. De kilometro em kilometro, já se encontram a grande distancia das suas primitivas posições. E' lento o avanço dos aliados? Não pôde deixar de ser, atentas são variadas circunstancias, entre elas a da Alemanha estar todos os dias a desviar tropas e material de guerra de outros pontos para a linha da grande batalha, atirando tambem para lá com quantos rapazi-nhos e velhos consegue arrebanhar, a torto e a direito, pelo seu vasto territorio.

Quanto mais se demorar a liquidação d'este medonho prelio que dura ha tantas semanas, desde os Vosges até ao mar do Norte, mais ela será tremenda para a Alemanha, Alem de vencida, ficará despovoada, arruinada e



1. O grão-duque Nicolau, comandante superior do exercito russo, conversando com o czar. -2. Um refugio dos franco-atiradores belgas n'un flanco sobre o Escalda



1. Recrutados servios prontos a partirem para guerra. — 2. Bateria franceza de 75 espalhada nos bosques de Argonne. — 3. Uma familia refugiada de Anvers, transportando as creanças em carrinhos de mão.



4. Regimento de dragões com as suas metralhadoras. — 5. A cavalaria franceza operando um movimento no Norte. — 6. Enfermeiras inglezas, chamadas pela Cruz Vermelha, chegando a Dieppe.



odiada na história de todos os povos cultos.

Por cada soldado dos aliados ficaram-lhe 20 estendidos no campo, sem forças para resistir por falta de alimentação, de descanso e pelo desânimo que os invadiu. Ao passo que em França os rapazinhos e os velhos trabalham nos campos com as mulheres, cultivando, colhendo e reconstituindo já os estragos selváticos dos alemães, vendo-se desfilar perto d'elles, pelas estradas, em impressionante contraste,

os que vão de arma ao hombro defender a pa-



tria, os campos do império germanico tornam-se ermos, abandonados. Só se trabalha nas fundições de canhões, em instrumentos de extermínio; a gente que sobra d'esse serviço vai toda amontoar-se n'essa muralha humana que ele opõe aos embates poderosos dos aliados.

E' pavoroso e estranhamente barbaro o sacrificio de vidas que a torpe ambição do imperialismo alemão está exigindo ao seu paiz e causando aos paizes que defendem a liberdade e o direito mo-

derno dos povos; mas a lição ha de ser tremenda!



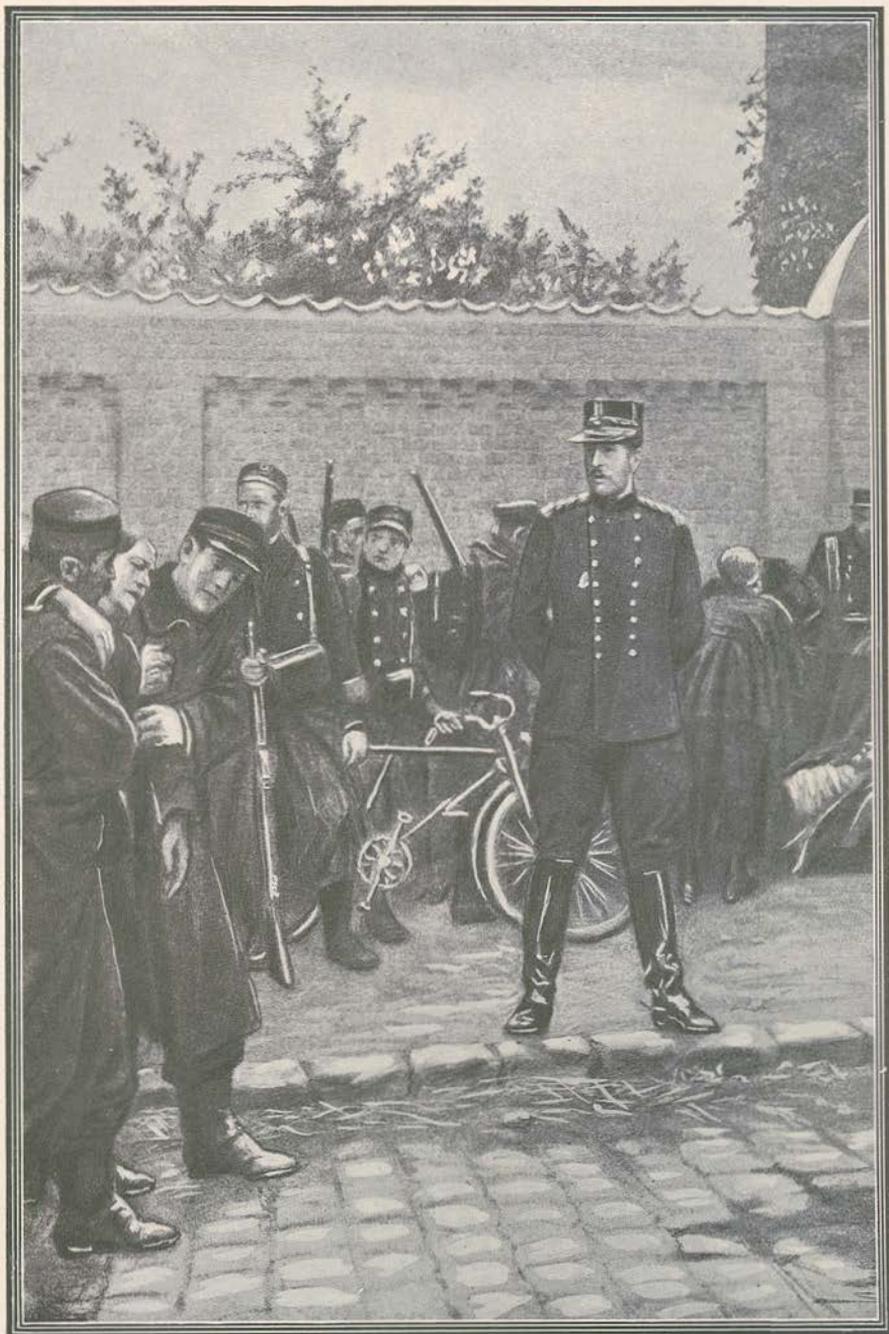
1. Madame Anastacia da Russia, sogra do «kronprinz», que, como protesto contra as selvagerias dos alemães, tomou a resolução de renunciar a sua qualidade de grã-duquesa de Mecklenburgo e de usar o simples nome de Michaelowna. — [«Cliche» Berliner Illustration]—2. Madame Wintholm, americana de nascença, casada com um official inglez, tendo passado algumas semanas na Belgica e observando a bravura dos seus soldados, sabendo que os feridos eram considerados prisioneiros no campo de batalha, não hesitou em se aventurar a ir de automovel até as linhas inimigas para socorrer aqueles infelizes. Voltou a Anvers onde as multitudes a ovacionaram admirando-a pela sua aventura.



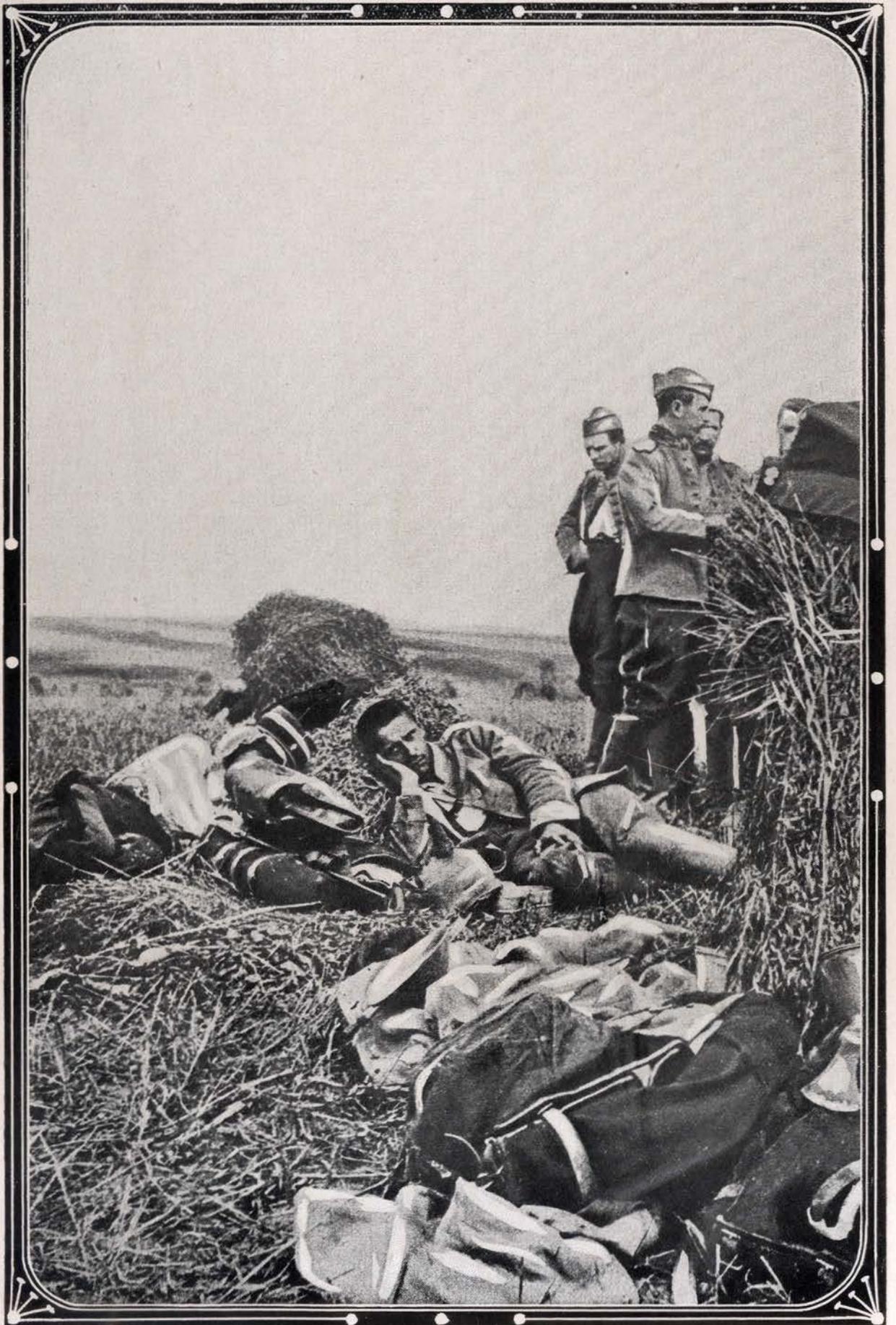
Regimento de couraceiros francezes marchando atravez de um campo cultivado.—(«Cliché» M. Branger).



1. O imperador da Rússia seguido do seu estado maior passando revista às tropas.—2. Aviadores ingleses em campanha.—3. A bênção das bandeiras do exército russo antes da partida para a guerra.



Um episódio da defesa de Anvers: O rei Alberto no meio dos soldados na ocasião que rebentou um cobus alemão sobre um destacamento de ciclistas, a menos de cem metros do sítio em que estava, apressou-se em socorrer os feridos.



Um prisioneiro alemão e os seus guardas repousam lado a lado



O imperador Guilherme II e o seu estado maior

(«Cliché» de Chusseau Flaviens)



Desembarque de tropas do Canadá no Havre

(«Cliché» Berliner Illustration).

PORTUGAL DEFENDE-SE



Vejam como os marinheiros portugueses partiram para Angola; vejam como as mães, as esposas e as namoradas se despediram d'elles Trocaram-se abraços, trocaram-se lagrimas; mas, de parte a parte, não houve desfaçanhas, nem queixumes. Quem partiu levou a consciencia de que ia cumprir um dever; quem ficou cumpre outro, esperando com serenidade. Já não resta sombra de duvida de quem vae para a Africa tem de se bater, como quem fór para

França. N'um ponto ou n'outro, os efeitos da victoria são os mesmos para nós, Moraes e politicos.

Quem pretender insuflar o contrario nos espiritos desprezidos faz o jogo infame dos nossos inimigos. Porque são eles quem pretendem desco-roçar o nosso exercito e desmoralisar o nosso meio, provocando movimentos, espionando, procurando crear-nos toda a casta de dificuldades internas e externas.



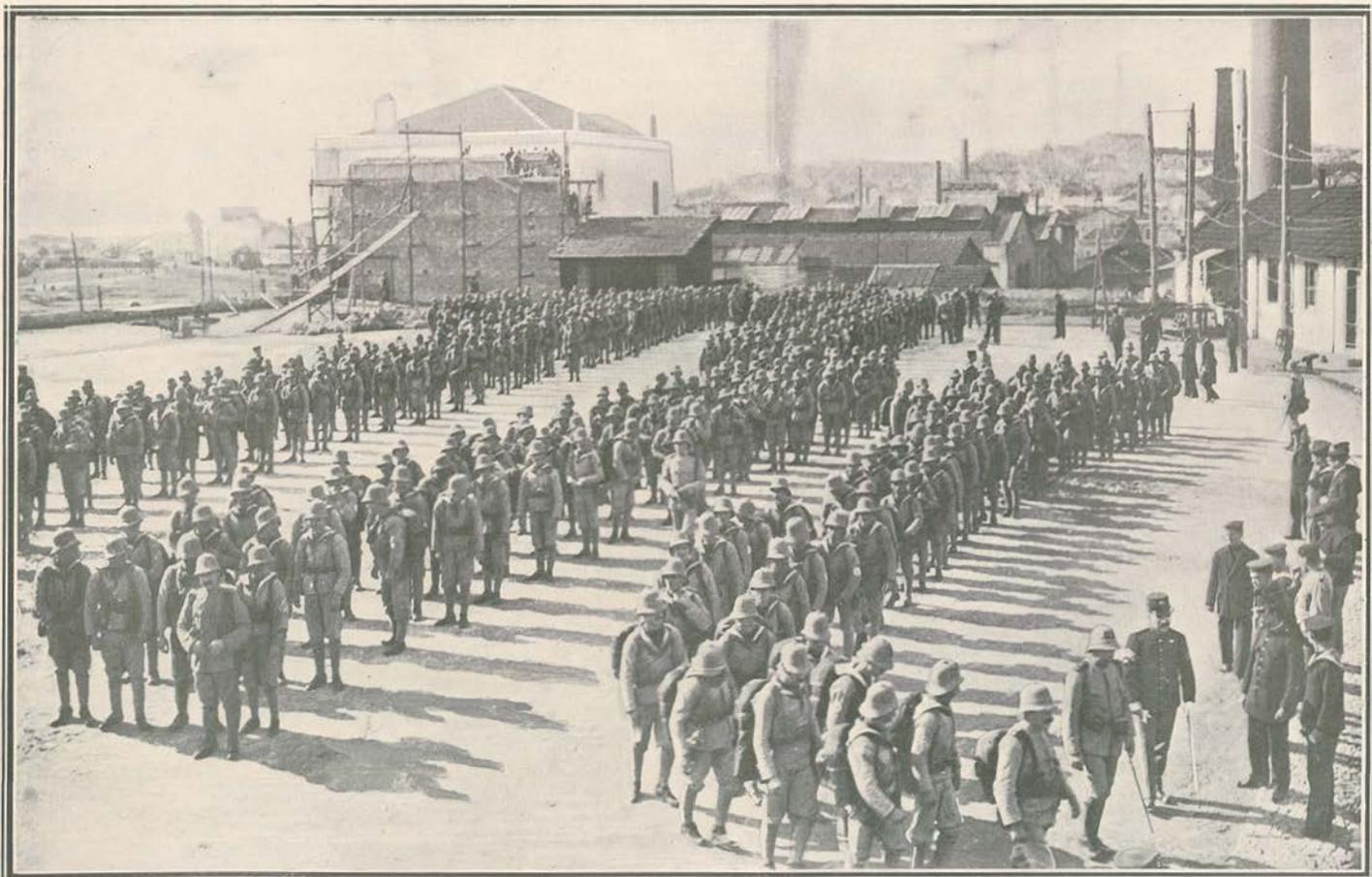
A bandeira que acompanha o batallão

tes que temos de exortar ao cumprimento inadiavel dos seus deveres de defeza, do que ao soldado, sempre pronto, sempre corajoso, sempre escravo dos seus deveres.

Dê o governo ao soldado o exemplo inofismavel de que tambem sabe defender a patria e terá a certeza da victoria.

Quer dizer: temonos de defender do inimigo a mão armada, e temos tambem de nos defender pela perspicacia, pela vigilancia e por atos de represão, pronta, energica, implacavel. Não se pôde tolerar que se faça um trabalho de sapa para dissuadir o soldado de cumprir o seu dever, ao mesmo tempo que se lhe exige esse cumprimento. São coisas que não fazem sentido.

Na defeza do paiz, a responsabilidade dos exercitos é grande, mas não é tamanha como a dos governos. O triunfo das armas, quando elas se chegam a terçar, já está muitas vezes comprometido pela tibieza e pelo descuido dos governos. E' mais a es-



O desfile do batalhão de marinha na parada Sul do quartel de Alcantara



1. O capitão de mar e guerra sr. Nunes da Silva, comandante do corpo de marinheiros, e o capitão-tenente sr. Coriolano da Costa, comandante do batalhão expedicionário, passando revista às praças



2. Os corneteiros e entre eles o cabo Manuel Augusto de Sousa: X que foi brindado com uma artística requinta, que tem, em placa de prata, gravada a data do oferecimento—3. O «Beira» que conduz a expedição.—(«Clichés» de Benoitel)



O batalhão desfilando no lado ocidental do Terreiro do Paço por entre a multidão, e em continência ao sr. Presidente da Republica, que assistia ao desfile de uma das janelas do ministerio das finanças.—(«Clichés» Benollet).



177. Barco hospital instalado por damas francezas e destinado ao transporte de feridos em mais grave estado. Descida de um ferido para bordo de barco

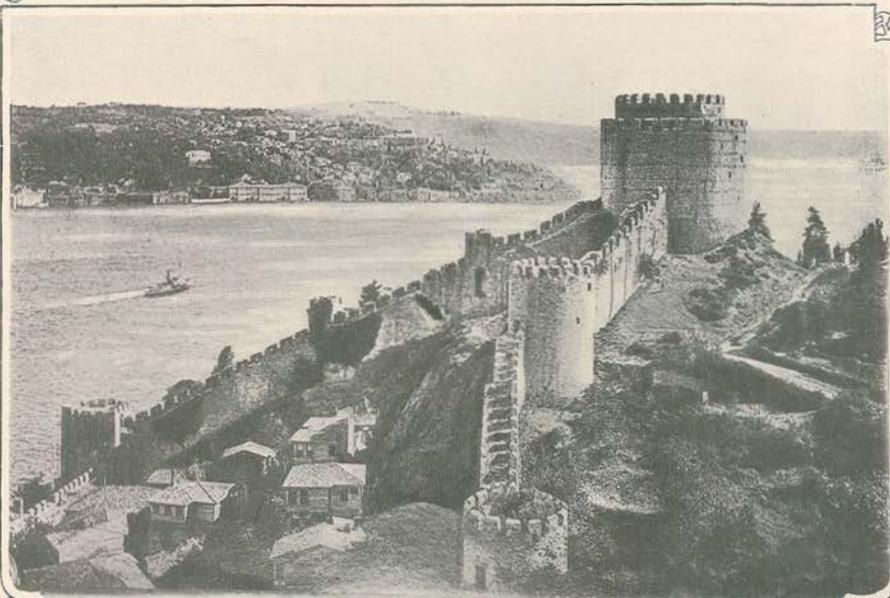
A TURQUIA



A Turquia entrou, finalmente, no conflito arrastada pela Alemanha, que ha muito a preparava para isso. Faz lembrar o desespero do naufrago apegando-se a uma fraca taboinha, com que ha de ir, fatalmente, agarrado para o fundo. Vae ser o mesmo malhadouro que na guerra dos Balkans, embora se proclame que ela se reorganizou militarmente sob a direção de officiaes alemães.

Vê-se pelos primeiros recon-
tos, que se es-

Cavalaria turca da Asia preparando-se para marchar para a fronteira



O forte de Roumêtte Hissar na margem do Bosforo



Mobilização de tropas turcas para entrarem em combate

tão dando, que é a mesma gente, mole, medrosa, sem espirito de disciplina. Se pelo numero despropositado pôde resistir, aguenta-se umas horas em combate; desde, porem, que as fileiras rareiam, desata a fugir e não ha alemães, por mais

ferrenhos, que tenham mão n'ela.

Longe de causar a menor inquietação como elemento de peso, armado pelos alemães contra os aliados, a entrada da Turquia na grande luta foi acolhida com indiferença.



Tropas da Turquia europeia partindo para a Asia



Cavalaria turca



Infanteria turca—(«Clichés» Berliner Illustrations)

TEATROS

Teatro Nacional

«Coração de todos»

Le Ruisseau, que o sr. Mario d'Almeida traduziu com o título *Coração de todos*, é uma linda comédia romântica, que disfarça em sorrisos o velho romantismo das lágrimas. É a história terna d'uma rapariga de Montmartre que o amor purifica e nobilita—e é essa história contada com emoção amável e feliz. É uma comédia que não é alegre—ou, talvez melhor, um drama que não chega a ser triste.



Uma cena do 2.º ato do «Coração de todos» («Le Ruisseau»).

TEATRO POLITEAMA

Companhia de opereta

Depois do sucesso da companhia Caranba, a Itália manda-nos uma nova companhia de opereta para o Politeama; depois d'um repertório do genero, exgotado durante dois mezes no Coliseu, um novo repertório de coisas interessantes e musicas.

Su é por exemplo, uma linda opereta, graciosa e ligeira, tecida em volta dos amores d'um rapaz e d'uma atriz. A atriz, na peça, é sig.ª Elena Bay que tem uns sedutores olhos italianos, uma voz vo-



O tenor Zofoli

luptuosa—e é, realmento, atriz a valer. *Amulherideal*, *Il piccolo ré*, brilhantemente encenado, duas peças novas para nós; a *Boneca*, *Os saltimbancos*, duas belas repri-ses; tal tem sido o repertório aplaudido pelos frequentadores do Politeama, sem falar na *Mulher moderna* e na sempre virgem *Viuva alegre*, em que exhibiu os seus gentis dotes de cantora e de artista a sig.ª Gizelda Morosini. Ha tambem na companhia uma outra Morosini, já nossa conhecida de ha seis ou sete anos, da com panhia Scenamiglio, no Coliseu, e que dá pelo suggestivo nome de Linda. Ha um comico com bastantes recursos que nos parece, mas não vamos jural-o, chamar-se Pecori; ha um tenor com condições de agrado; ha varios elementos seguros de exito. E ha tambem um corpo de baile, composto provavelmente de robustas ex-internadas de algum Asilo de Velhas Napolitanas que, exhibidas em: cuecas, no 2.º ato d' *Susi*, não envergonham em nada as tradições coreograficas dos nossos teatros. Suprimindo, porém, esse aliás pitoresco detalhe, a excelente companhia Ettore Vitale parece-nos que nada terá a perder.

A. de C.



Uma cena da opereta «Susi» (2.º ato).



Outra cena da opereta «Susi» (3.º ato).

**PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD**
Sem Opio nem Morphina.
Muito eficaz contra a
ASTHMA
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
6, Rue Dombasle, PARIS

EU CURO A HERNIA

SEM O USO PERMANENTE DA FUNDA

Se V. está herniado ou conhece alguém que padeça da hernia, o meu método, de cura deve interessal-o. O meu método difere de todos os outros, no que não só contém toda a classe de hernias em uma forma continua e segura com perfeita comodidade mas também faz formar um novo tecido na abertura da hernia, unindo assim o lugar roto, produzindo uma cura perfeita e permanente. Nenhum outro método fará o mesmo. Já tenho provado por varias vezes que o meu método cura depois das operações cirurgicas terem fraccassado. Os meus pacientes curados tem-se exposto a exercicio fisicos mais rudes, os quaes submetidos a reconhecimentos medicos, os doutores certificarãam a cura. Nenhuma pessoa herniada é muito joven ou muito velha nem nenhuma hernia é tão grave que não tenha cura.



Entre os muitos que se tem curado encontram-se os Srs. D. E. Rodrigues de Lima, morador na Rua dos Marrazos, AVEIRO, Portugal, comerciante de 35 anos de idade, e o Sr. D. D. Luiz da Mata, ENVENDOS (Beira Baixa) Portugal, um comerciante, que estava herniado havia 5 anos.

Não se demore V. a escrever-me quanto antes pedindo-me detalhes acerca do meu método e eu enviar-lhe-hei tambem uma amostra gratuita do meu medicamento franco de portes. Escreva-me já, antes que a sua hernia chegue ao estado de se estrangular e que uma operação seja o unico meio (não certo) de salvar a sua vida.—Dr. Wm. S. RICE (S 825), 89, STONCUTTER ST., LONDRES, E. C., INGLATERRA.

REMEDIO FRANCÊS

XAROPE FAMEL
CURA
INFALLIVEMENTE
BRONCHITES
Mesmo Chronicas
TOSSES
ASTHMA
FRASCO 1 ESCUDO

*Em todas as pharmacias ou no deposito geral
J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa.
Franco de porte compranda 2 frascos.*

Inglez práctico

O NOVO METODO

Inglez em 15 dias

sem livros, sem estudo, com pronunciaçào figurada e conversação, por Mr. F. ALEXANDER, of London. Vendem-se lições separadas a 70 réis. Curso completo 300 réis. Propriedade do autor. Pelo correio 520 réis fortes. Remete-se a quem enviar esta importancia em vale do correio a Mr. F. Alexander.

95, Rua Nova do Almada, s/. D.

LISBOA

SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS e FRANCO
Remettam-se folhas para escolher:
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Valenciennes, 44 - PARIS

A VENDA

Almanaque Ilustrado d'O SEGULO

PARA 1915

**Perfumaria
Balsemão**
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

Trabalhos de Zincogravura,
Impressão e

Fotogravura, Stereotipia,
Composição

Stereotipia

De toda a especie de
composição

Composição e impressão

De revistas, iustrações
e jornaes diarios
da tarde ou da noite.

FAZEM-SE NAS
OFICINAS DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposiçào do publico, executan-
do todos os trabalhos que lhe são
concernentes, por preços mo-
dicos e com inexcedi-
vel periciçào

Zincogravura e fotogravura

Em zinco simp les de 1.^a
qualidade, cobreado
ou nickelado.

Em cobre.

A côres, pelo mais
recente processo—o de
"chromia".

Para jornaes, com tram-
mas especias para este
genero de trabalho.

OFICINAS DA

Ilustração

Portuguesa

RUA DO SEGULO, 43

XAROPE - GAYAL -

Suprime os mais violentos
acessos de tosse em
poucas horas

INOFENSIVO
AGRADAVEL
EFICAZ

EM TODAS AS FARMACIAS
900 Reis.